

TÍTULO

A Escola é uma Esperança
Sugestões aos Pais Imigrantes (e não só)

EDITOR

Secretariado Entreculturas
Travessa das Terras de Sant'Ana, n.º 15 — 1.º
1250-269 Lisboa

COORDENAÇÃO

Maria Camila Cardoso Ferreira

AUTORA

Maria Helena Noronha

CONSULTORAS

Lígia Costa

Maria da Conceição Coelho
Maria das Dores Clara Ramos
Manuela Duque Vieira e Sousa
Manuela Legoinha

CONCEPÇÃO GRÁFICA E ILUSTRAÇÃO*

Cecília Guimarães

DATA DA EDIÇÃO

Setembro de 2001

TIRAGEM

3000 exemplares

IMPRESSÃO

????

ISBN

972-8339-32-1

DEPÓSITO LEGAL

????????

* As fotografias inseridas nesta brochura foram gentilmente cedidas pela professora Irene Gonçalves, directora da EB1 n.º 193 de Lisboa, pela professora Emília Valente, directora da EB1 n.º 2 da Falagueira e Maria Odete, educadora de infância.

A Escola é uma Esperança

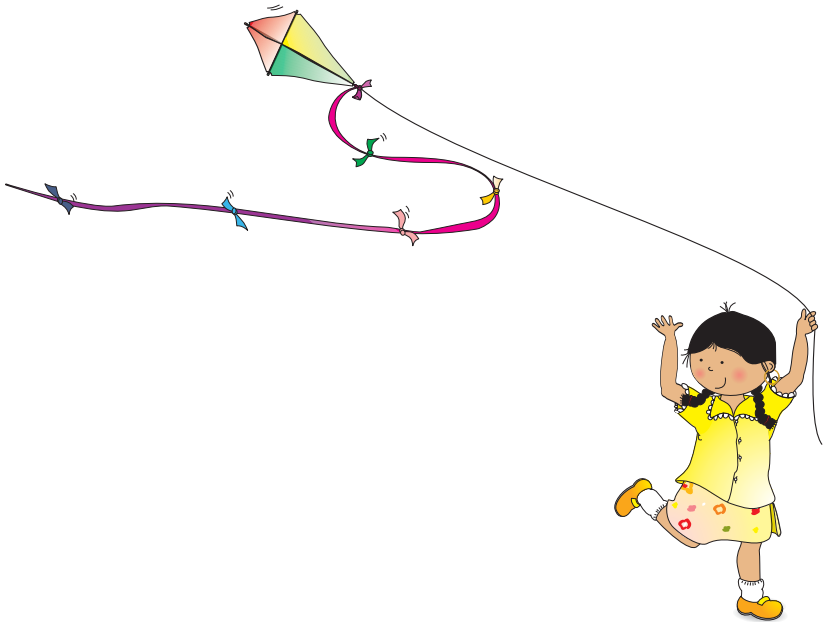
Sugestões aos Pais Imigrantes (e não só)

Maria Helena Noronha

Ilustrações
Cecília Guimarães



Secretariado Entreculturas
Presidência do Conselho de Ministros
Ministério da Educação





ÍNDICE

Um livrinho para todos os pais, mas em especial para os pais <i>imigrantes</i>	7
Introdução	9
O seu filho vai para a escola	11
Sugestões gerais	13
Fale com a criança	13
Faça o que estiver ao seu alcance para que ele goste de si próprio	14
Ajude o seu filho a fazer projectos	15
Procure que a criança reconheça e aceite a sua situação de filho de imigrante	16
Aproveite a sua experiência de imigrante para ajudar o seu filho	17
Dê a conhecer à criança as suas origens	19
Dê a conhecer à criança a sua situação legal neste país	21
Mostre ao seu filho o que existe fora do local onde vive	22
Como preparar a ida da criança para a escola	25
Preparar-se a si próprio	25
Reflectindo sobre qual é a sua responsabilidade e a responsabilidade da escola	25
Fazendo a matrícula	28



Data das matrículas	28
Documentos necessários para a matrícula	28
Recolhendo informações sobre a escola	29
Tomando algumas decisões de ordem prática	31
Aceitando que a escola de hoje é diferente da escola do seu tempo	32
Preparar o seu filho	34
<i>O primeiro dia de aula</i>	<i>37</i>
<i>Como é a escola que o seu filho vai encontrar</i>	<i>39</i>
A comunidade educativa	39
Alunos	39
Professores	42
Auxiliares de acção educativa	44
Outros técnicos que trabalham na escola	45
Pais	46
A comunidade que está à volta da escola	48
O aspecto físico da escola	49
A aula	50
O que se aprende no primeiro ciclo	51
O estudo em casa	54
Avaliação	55
Apoios especiais	56
Contacto com os pais	57
Reuniões de pais	58
Associação de pais	61
<i>Conclusão</i>	<i>63</i>



UM LIVRINHO PARA TODOS OS PAIS, Mas em Especial para os Pais Imigrantes

Há muito se sabe que a responsabilidade da educação não pertence apenas à escola e aos que nela todos os dias trabalham e aprendem. Pertence também, e sobretudo, aos Pais das crianças e às suas comunidades. Se isto é verdade para todas as crianças é ainda mais verdadeiro para os filhos de imigrantes e de membros de grupos étnicos que até hoje têm estado mais ou menos afastados da frequência normal das escolas. E é ainda mais verdade se as crianças vão iniciar os seus estudos, quer no pré-escolar, quer no primeiro ano do primeiro ciclo.

O *Entreculturas*, que sempre propôs para as crianças filhas de imigrantes ou membros de etnias *pelo menos um ano de educação pré-escolar*^(a) e colaborou com associações e autarquias, preparou agora este instrumento de trabalho para os Pais, sobretudo imigrantes, com o qual apenas quer ajudar a que entendam a importância dos Jardins de Infância e das Escolas para os seus filhos e dar sugestões para acompanharem a sua entrada e o seu dia a dia nessas casas em que vão passar tantas e tão importantes horas do seu dia a dia. Para nós a utilização deste pequeno livro, que não é mais do que a extensão ao primeiro ciclo do trabalho já apresentado no livrinho anterior^(b), poderá também servir de guião para o trabalho que as Associações estão a desenvolver neste sentido, o que para nós é de extrema importância.

Ao fim e ao cabo são a felicidade das meninas e meninos e o progresso da nossa sociedade a razão de ser do *Entreculturas* e desta pequena brochura. Esperamos sinceramente que ela vos possa ser útil.

Miguel Ponces de Carvalho
Secretário Executivo

(a) Despacho 170/ME/93.

(b) Os Meninos e o Jardim de Infância, Sugestões aos Pais Imigrantes, Secretariado Entreculturas, Dezembro de 2000.



INTRODUÇÃO

Esta brochura é para os pais e as mães imigrantes cujos filhos têm 6 anos e vão entrar na escola.

A escola é uma esperança para todos os pais. Queremos que os nossos filhos aprendam, tenham sucesso e sejam felizes; esperamos que a escola ajude a família no trabalho tão importante que é a educação dos seus filhos.

Quanto maiores são as dificuldades que as nossas famílias enfrentam, maiores são as esperanças que temos na escola. Todos os pais pensam, com muita força que, através da escola, a criança se vá preparando para fazer parte da sociedade, como um cidadão responsável e activo. E isto será verdade, se a escola e a família trabalharem juntos.

Mas para trabalharem juntos é preciso conhecerem-se. Para ajudar este conhecimento, apresentamos aqui algumas informações que talvez sejam úteis para os pais se aproximarem mais das escolas existentes em Portugal e, assim, acompanharem melhor os seus filhos.

Vão encontrar também, nesta brochura, algumas sugestões sobre a forma de preparar as crianças para a entrada na escola e outras de carácter mais geral, ligadas à idade das crianças e à situação de imigrante.

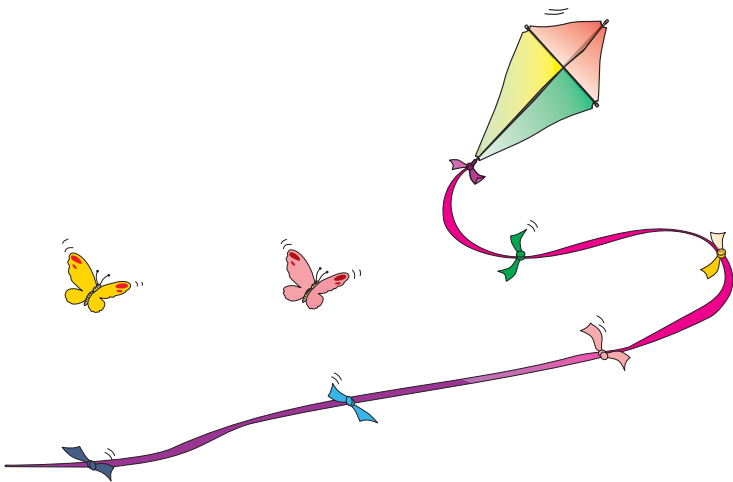
Acerca destas sugestões queríamos dizer o seguinte: sabemos que não há ninguém que goste tanto dos seus filhos como os pais e ninguém os conhece tão bem como eles. Por isto, não queremos nem podemos dar “lições”. Muitas coisas que vão encontrar nesta bro-



chura são já conhecidas e praticadas por muitos. Mas talvez haja outras em que nunca pensaram e que podem ser assunto de reflexão para cada um e de conversa entre a família, os amigos, elementos de associações ou mesmo professores.

Tudo quanto é dito dirige-se aos pais e às mães e destina-se a ser conversado pelo casal e, se o entenderem, posto em prática pelos dois. Na ausência dos pais, estas sugestões e estas informações dirigem-se à pessoa ou pessoas que se ocupam da criança

Desejamos para os vossos filhos um caminho escolar cheio de sucesso e alegria, caminho que leve, através da cooperação entre a escola e a família, a uma boa integração neste país que desejamos seja verdadeiramente de acolhimento.





O SEU FILHO VAI PARA A ESCOLA

O seu filho vai para a escola. Como todos nós, está com certeza alegre e um pouco assustado.

Alegre, porque é um passo muito importante para ele e para toda a família, passo que o vai levar a uma vida adulta que todos desejam feliz. Assustado, porque ele vai sair de perto de si e isto faz com que os pais tenham na cabeça e no coração muitas perguntas.

“Vai ser bem tratado?”

“Vai sentir-se bem?”

“Vai aprender com facilidade?”

“A escola será parecida com aquela onde eu andei?”

“Vão tratá-lo bem (ou mal) como me trataram a mim?”





Para alguns pais imigrantes a preocupação, às vezes, é ainda maior.

“Como vai o meu filho integrar-se numa escola onde estão crianças tão diferentes dele?”

“Fala tão mal o português, como vai ele aprender?”

“Há na escola meninos que têm tido uma vida mais fácil, será que o vão aceitar?”

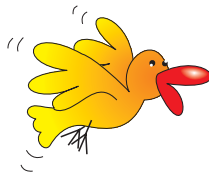
“Os professores vão gostar dele?”

“Se ele não aprender bem, os professores vão ter paciência?”

“Vou conseguir falar com os professores quando houver alguma dificuldade?”

Sabemos que não podemos tirar aos pais todas as preocupações. Mas, como queremos também que o seu filho seja feliz e tenha sucesso na escola e na vida, vamos partilhar consigo algumas coisas que pensamos que o podem ajudar.

Antes de falarmos concretamente da entrada para a escola, vamos fazer algumas sugestões mais gerais que talvez possam ajudar a sua preparação para uma vida escolar e pessoal feliz.





SUGESTÕES GERAIS

Fale com a criança

É muito importante para a criança que, desde muito cedo, os pais conversem com ela.

Isto por várias razões. Em primeiro lugar porque ela sente, desta forma, que o pai e a mãe estão presentes e lhe dão atenção. Através das conversas com os pais, ela vai também aprendendo muitas coisas sobre o mundo e a vida, como é hoje e como era antes. Este conhecimento vai ser-lhe muito útil na escola.

Além disto, seja qual for a língua que se utilize, desde que se fale bem, a criança através da conversa, sobretudo com os pais ou quem os substitui, desenvolve a sua capacidade para falar qualquer língua e dizer aquilo que pensa e sente.

Por seu lado os pais, estando perto da criança desde muito cedo, vão sabendo o que se passa com ela, o que pensa e sente e ficam mais capazes de a acompanhar e de a ajudar.

Embora saibamos que é importante conversar com os filhos, sentimos, às vezes, que temos uma vida tão ocupada que não nos sobra tempo para isto. No entanto, se sentir que é importante talvez consigamos tirar todos os dias um bocadinho para o fazer.





Faça o que estiver ao seu alcance para que ele goste de si próprio

Se o seu filho se sentir como uma pessoa com valor, com qualidades, com coisas boas, sente-se bem consigo próprio e é capaz de respeitar os outros e exigir que o respeitem.

Quanto mais gostar de si próprio, mais feliz será e mais preparado está para gostar dos outros.

Assim:

- Desde muito pequenino habitue-se a elogiá-lo pelas coisas boas que faz, pelo que vai conseguindo. (“já consegues andar”, “já falas muito bem”, “que bonito desenho”, “portaste-te muito bem”).
- Nunca o desvalorize pelo que faz — “és mau, és mentiroso: nunca hás-de ser capaz de...” mas mostre desaprovação pelos actos negativos que pratica: “fizeste uma maldade, disseste uma mentira, sei que és capaz de fazer melhor”
- Não faça comparações entre os irmãos (“o teu irmão estuda mais, o teu irmão porta-se melhor que tu, tu aprendes melhor que o teu irmão”). Nenhum irmão é igual a outro irmão, e estas comparações só servem para alguém se sentir desvalorizado. Além disto podem trazer dificuldades de relação entre irmãos.
- Nunca o humilhe, em privado e muito menos em público. Mesmo em situações difíceis procure que ele saia delas com dignidade.
- Faça o possível para que ele se apresente sempre “bonito”— lavado, penteado, com roupas limpas. Isto, por vezes, não é fácil, porque as crianças sujam-se muito e temos pouco tempo para cuidar delas. Mas é importante que o seu filho se sinta bem ao pé dos outros. Se der uma boa imagem de si, mais respeito terão por ele e mais respeito vai tendo por si próprio.



Ajude o seu filho a fazer projectos

Todos nós desejamos, para os nossos filhos, uma vida melhor do que a nossa. Mas, por vezes, temos dificuldade em acreditar que isto seja possível e temos mesmo dificuldade em fazer planos concretos para que tal aconteça.

Mas não é da nossa vida que se trata, nem das dificuldades que agora atravessamos. É da vida dos nossos filhos, daqui a 5, 10, 20 anos. Não sabemos como vai ser. Mas sabemos que ela vai depender da confiança em si próprios que vão ganhando com a nossa ajuda, e do projecto que vamos construindo com eles.

Por isto:

- Fale com o seu filho sobre o futuro (o que é que ele quer ser quando for grande, por exemplo) e vá-lhe dizendo o que é preciso fazer para chegar lá.





- Não mate os sonhos do seu filho nem lhe diga “isto nunca vais conseguir”, por exemplo.
- Lembre-se que o seu filho tem o direito a tudo quanto é possível para se desenvolver e ser feliz. Aproveite tudo o que existe e está ao seu alcance. Normalmente as associações têm conhecimento dos recursos disponíveis na comunidade e podem encaminhá-lo.
- Faça com ele projectos para agora e para daqui a um tempo (por exemplo, um passeio no próximo fim de semana, o Natal que ainda é daqui a uns meses) e vá-lhe dizendo o que é preciso fazer para preparar estes acontecimentos.

Procure que a criança reconheça e aceite a sua situação de filho de imigrante

Se o pai e a mãe devem conversar muito com a criança, há um tema muito importante para falar que é o da sua situação de imigrante. E sobre isto temos, também nós, que conversar um pouco mais demoradamente.

O que querem todos pais para os seus filhos?





Entre outras coisas que:

- tenham uma boa ideia de si próprio, da sua família e das suas origens;
- se sintam bem com os outros, sejam eles diferentes ou semelhantes, e os respeitem;
- esperem ter uma vida boa nesta sociedade;
- exijam que os outros o respeitem;
- trabalhem para desenvolver nesta sociedade a tolerância e a solidariedade.

Talvez algumas das sugestões que se seguem possam ajudar a que isto aconteça aos filhos de pais imigrantes.

Aproveite a sua experiência de imigrante para ajudar o seu filho

Todos nós que vivemos situações de imigração, sabemos como são difíceis e como trazem muito sofrimento — saudades da terra que deixámos, dificuldade em compreender e aceitar o que vamos encontrando, dificuldades económicas e de trabalho, dificuldade de comunicar, sensação de nos sentirmos diferentes e sermos olhados como estranhos, foram sentimentos pelos quais todos nós passámos.

Nesta situação tivemos, com certeza, experiências boas em que fomos ajudados e acarinhados e experiências más que nos magoaram. Nestas experiências, por vezes, não fomos capazes de distinguir o comportamento de uma pessoa do comportamento de todos e, porque alguém dum grupo nos ofendeu, pensamos que todos são maus ou não gostam de nós.



Alguns, com maior ou menor dificuldade integraram-se; outros para se protegerem, ligaram-se apenas a imigrantes da mesma origem; outros guardaram muita mágoa e raiva que se manifestam em todas as ocasiões, mesmo que os outros não queiram agredir.

Na maior parte de nós, há um pouco disto tudo — sentimo-nos integrados nesta sociedade, há momentos em que nos apetece estar só com aqueles que têm a mesma origem e outros em que sentimos mágoa ou mesmo revolta.

De tudo o que vivemos, o que vamos transmitir aos nossos filhos? Cada um de nós tem que encontrar aquilo que **é melhor fazer** e aquilo que **pode fazer**. As sugestões que apresentamos resultam de testemunhos de imigrantes que encontraram a forma de ajudar os seus filhos neste campo tão delicado.

Para decidirmos o que devemos contar aos nossos filhos, é importante que façamos uma reflexão sobre o que tem sido a nossa vida aqui em Portugal, para encontrar o que foi bom para nós e nos ajudou e o que nos magoou, quem nos magoou e como reagimos a essa mágoa.

Partindo desta reflexão:

- Esteja atento às suas interrogações e responda-lhe com verdade.
- Explique porque é que há diferenças físicas entre os homens (clima, migrações...) e que estas diferenças não têm nada que ver com superioridade e inferioridade.
- Transmita o que de bom se passou consigo na sua estadia em Portugal.
- Relate situações em que pensa que teve uma atitude boa e conseguiu afirmar a sua dignidade.



- Sempre que contar coisas más que aconteceram com alguém, tenha o cuidado de as apresentar como uma atitude negativa de uma pessoa e não de todas as pessoas deste grupo (porque uma pessoa teve um comportamento racista não quer dizer que todos sejam racistas). E lembre-se que os nossos filhos vão ter as suas experiências, diferentes da nossa, e não é bom para eles carregar com a amargura dos pais.

Dê a conhecer à criança as suas origens

Nas famílias imigrantes, os pais lembram-se, normalmente, da sua terra de origem e, mesmo que já tenham nascido em Portugal, têm com o país de origem alguma ligação — família, recordações do que lhes era contado pelos seus pais, alguns costumes.

O que acontece quando nasce uma criança já em Portugal ou vem para este país muito pequenina? Muitos pais têm a ideia que é melhor que os filhos “esqueçam” as suas origens para se adaptarem à terra onde estão e onde querem continuar a viver. Será assim?

Todos nós temos necessidade de conhecer o nosso passado, de saber de onde viemos, quais são as nossas origens. Quando nascemos temos muita coisa atrás de nós que necessitamos saber, para descobirmos quem somos. Se não conhecemos ou não queremos conhecer a nossa história e a história da nossa família mais próxima, somos como as plantas que crescem sem raízes e caem a qualquer sopro de vento.





Para as crianças que nasceram em Portugal, mesmo que os pais tenham nascido numa aldeia e imigrado para uma grande cidade, é fácil terem contacto com as suas origens — têm avós na terra, vão lá passar férias, os parentes vêm à sua cidade. Com os filhos de imigrantes é mais difícil. Só através dos pais é que eles podem saber o que está para trás e lá longe.

Por isto, é muito importante que os pais vão ensinando aos filhos coisas sobre a sua terra de origem:

- Desde muito pequeninos, fale sobre a família que lá vive — os avós, os tios, os primos, os seus nomes, como são. Se possível mostre fotografias, fale ao telefone.
- Por ocasião das festas explique como é que os pais as celebravam, o que faziam, o que comiam.
- Cante as cantigas, conte as histórias e ensine os jogos da sua infância.
- Fale do clima, do desencontro das estações, da chuva, do calor, do que fazem as pessoas.
- Prepare de vez em quando comida da sua terra e ensine os seus filhos a prepará-la.

Mesmo que a vida tenha sido muito dura no país de origem, todos os pais têm algumas lembranças bonitas da sua infância. E é muito bom, para as crianças, que elas sejam recordadas.

Tudo isto vai dar à criança conhecimentos, vai fazer com que estabeleça amizade com os parentes distantes, e vai mostrar-lhe que, como os outros meninos que estão à sua volta, tem uma história comprida de que se deve orgulhar.



Dê a conhecer à criança a sua situação legal neste país

Todas as crianças, qualquer que seja a sua situação perante as leis do país de acolhimento, têm o direito à educação e, portanto, a ir à escola.

Há, no entanto, situações legais diferentes, conforme os casos, para as quais é bom ir preparando o seu filho.

Nem todas as crianças que nascem em Portugal são, pela lei deste país, de nacionalidade portuguesa. Se são filhas de estrangeiros e os pais estão em Portugal há menos de 6 anos, têm a nacionalidade dos pais. Já serão portuguesas, se os pais forem cidadãos de Países de Língua Oficial Portuguesa e viverem legalmente em Portugal há mais de 6 anos ou se os pais forem de outros países e viverem legalmente em Portugal há pelo menos 10 anos. Num ou noutro caso os pais devem declarar que querem que os filhos sejam portugueses. Por esta razão, há famílias com pais e filhos de nacionalidades diferentes, irmãos de nacionalidades diferentes e com documentos diferentes.

Estas situações não têm importância para as crianças muito pequenas que estão em casa. Mas podem fazer com que se sintam mal, quando vão para a escola. Pensamos num menino que só soube que não tinha a nacionalidade portuguesa na 4.ª classe e como isto foi um choque para ele.





Por isto:

- Veja a sua situação de permanência no país e a dos seus filhos e, se tiver dúvidas ou problemas, recorra a pessoas ou entidades conhecedoras (associações, por exemplo).
- Vá falando com a criança sobre a sua situação de filho de imigrante e vá respondendo às suas perguntas.
- Mostre com orgulho os documentos dos pais e, se os tiver, os dela.
- Se houver diferentes nacionalidades na família, explique porquê.
- Se a criança nasceu em Portugal, diga-lhe que esta é a sua terra natal. Se for estrangeiro pela lei actual, explique-lhe que tem a nacionalidade do país dos pais, que, se quiser, pode ir no futuro para lá, mas que se quiser ficar em Portugal pode pedir a nacionalidade portuguesa.

Mostre ao seu filho o que existe fora do local onde vive

O seu filho nasceu em Portugal ou veio para cá muito pequeno. Esta é portanto a sua terra, embora os pais ou os avós tenham vindo de outro país. E é em Portugal que, provavelmente, vai passar a sua vida.

Dissemos atrás que as crianças aqui nascidas devem conhecer as suas origens. Mas isto não quer dizer que sejam estranhos nesta sociedade. Estão na sua terra natal, às vezes a única terra que conhecem.

Neste país, há coisas muito diferentes de local para local, de bairro para bairro. Mas, porque estamos muitas vezes cheios de preocupações e tarefas, não nos lembramos que os nossos filhos só conhe-



cem “aquele bocadinho” onde vivem e que precisam de conhecer muitas outras coisas para se desenvolverem bem.

Por isto, mesmo que o seu filho seja muito pequeno, faça o possível para passear com ele por sítios diferentes: andar de autocarro, de comboio, de metro, de barco, ver praias, ver campos, entrar em centros comerciais. É evidente que passear fica caro e ocupa tempo e não pode, para muitos de nós, ser feito com frequência. Mas, se compreendermos que isto é bom para o futuro das crianças, vamos encontrar, com certeza, forma de fazer uns passeios de vez em quando.

Os pais têm, muitas vezes, dentro ou fora do seu local de residência, contactos com pessoas de origem portuguesa ou de outros grupos culturais (ciganos, indianos....) e até com crianças destes grupos.

Se for possível, e sem forçar, faça com que as crianças desde pequenas estabeleçam também ligação com elas. Em Portugal existe gente com aspecto físico e culturas muito diferentes e é bom, para a integração da criança, que comece desde cedo a reconhecer o seu aspecto e a relacionar-se com elas.







COMO PREPARAR A IDA DA CRIANÇA PARA A ESCOLA

Preparar-se a si próprio

Quando falamos em preparação estamos a falar em fornecer informações que ajudem os pais a compreender a escola como ela é, a razão porque se fazem as coisas de determinada maneira e os tornem capazes de terem uma intervenção mais activa e esclarecida.

Nesta perspectiva, muito do que se disse atrás é uma preparação, sua e do seu filho, para a entrada na escola.

Já conversámos também sobre as suas dificuldades e as suas preocupações, neste momento.

Mas parece que vale a pena tornar mais claros alguns aspectos.

Como vai preparar-se para a entrada do seu filho na escola?

Reflectindo sobre qual é a sua responsabilidade e a responsabilidade da escola

Uma das nossas preocupações liga-se à **responsabilidade** sobre o nosso filho e ao poder que temos em relação a ele.

Antes de entrar para a escola, a responsabilidade era só dos pais, ou da pessoa que os substitui, e da família. Agora a responsabilidade vai ser também da escola. E neste campo muitas perguntas se põem aos pais:



- “A partir da entrada do meu filho na escola qual é a minha responsabilidade e a da minha família?”
- “Qual a responsabilidade da escola?”
- “Que colaboração pode existir entre as duas?”

Os pais vivem esta situação de maneiras diferentes. Há pais que “entregam” os filhos à escola para os educar e sentem que a sua responsabilidade, a partir deste momento, ficou mais pequena.

Outros, pelo contrário, têm dificuldade em deixar os filhos ir à escola porque têm medo que eles percam os valores e as normas do seu grupo e da sua família. Outros ainda, sem terem estas atitudes extremas, têm dificuldade em distinguir as suas responsabilidades e a responsabilidade da escola.

Ora a família tem a responsabilidade de dar condições para que a criança viva, se desenvolva e seja feliz — alimentação, abrigo, amor, protecção contra os perigos, acompanhamento, normas de conduta...





A responsabilidade da escola exerce-se dentro da escola: ensinar, fazer com que a criança aprenda, se sinta bem, se relacione com os colegas, descubra o mundo e a vida, desenvolva a seu sentido de responsabilidade, de ajuda aos outros, de honestidade.

A escola tem também a responsabilidade de dar apoio especial às crianças a quem a família não pode dar aquilo que necessitam para uma vida escolar normal (material escolar, por exemplo).

Como se percebe, nem a escola tem responsabilidade e poder sobre a criança na família, nem a família responsabilidade e poder sobre aquilo que é competência da escola.

Os pais não podem interferir nos métodos de ensino, na organização da sala de aula, no que é ensinado, na escolha dos professores, na avaliação dos alunos, nos trabalhos para casa. Mas podem dizer o que as crianças sentem, o que gostam e o que não gostam, podem perguntar porque se fazem as coisas assim, podem ajudar o professor a conhecer melhor a criança ou a compreender que há situações que explicam algumas dificuldades que surgem na escola.

Pelo seu lado, os professores não podem interferir no que está a acontecer em casa, a não ser em casos muito graves de violação dos direitos das crianças, nem pretender que gostam mais das crianças do que os pais. Mas podem tentar perceber o que se passa, para melhor ajudar a criança a aprender e a ser feliz na escola. E podem registar as observações dos pais para melhorar o seu trabalho e adaptá-lo àquela criança.

O que é importante compreender é que não há um “Joãozinho da escola” e um “Joãozinho de casa”. O Joãozinho é só um. A família e a escola existem para o apoiar. Só em colaboração, e tendo muito claro qual é a responsabilidade duma e doutra, conseguirão o sucesso e o bem estar da criança.



Fazendo a matrícula

Antes de se iniciarem as aulas têm que fazer a **matrícula** e, para isto, têm que saber em que escola vai matricular o seu filho. Há sempre uma escola para onde devem ir os meninos da área onde vive e aí nenhuma matrícula pode ser recusada, a não ser que todas as vagas estejam preenchidas ou se a criança tiver mais de 15 anos. Também é possível matricular o seu filho na escola da sua área de trabalho se isto, por qualquer razão, for mais cómodo para si. Tanto a matrícula como a frequência da escola são gratuitas.

Data das matrículas

A criança vai para a escola no ano em que faz seis anos. É portanto nesse ano, do princípio de Janeiro até 15 de Junho, que se deve fazer a matrícula. É conveniente que a faça o mais cedo possível.

Documentos necessários para a matrícula:

- Cédula ou Bilhete de identidade da criança ou um certificado da Embaixada do país de origem da criança.
- Boletim de matrícula preenchido. É fornecido pela escola e, se tiver dificuldade em preencher, a pessoa que o atender vai certamente ajudá-lo.
- Boletim de vacinas e cartão do centro de saúde.

Se tiver dificuldade em obter estes documentos, ponha o problema à escola.

Todas as crianças têm direito à instrução, mesmo que não tenham todos os seus papéis em ordem.



Recolhendo informações sobre a escola

Mesmo antes de começarem as aulas, há muita coisa que pode saber sobre a escola; isto vai ajudá-lo a tomar algumas decisões e a esclarecer a criança.

Por exemplo:

- Assim que souber qual é a escola que vai ser frequentada pelo seu filho já pode estudar o percurso diário que ele deve fazer. Se tem que apanhar transporte, por exemplo, necessita de saber qual o horário que lhe convém; se vai a pé, qual o caminho mais curto, mais cómodo e mais seguro, quanto tempo demora de casa à escola, quais as horas de maior ou menor movimento, quais os perigos que pode encontrar (passagens de nível, atropelamentos, assaltos). É verdade que nos primeiros anos a criança não deve ir sozinha para a escola. De qualquer forma, o pai e a mãe devem conhecer muito bem este percurso, para orientar e prevenir a criança e a pessoa que a vai acompanhar.

A matrícula é o primeiro contacto que vai ter com a escola do seu filho.

É, portanto, ocasião para recolher alguma informação, ou saber quando a pode obter.

- Ponha à pessoa que o atender todas as suas dúvidas. Não é vergonha nenhuma não saber. O que é mau é ficar com dúvidas sobre coisas importantes e que o preocupam.
- Veja se é possível saber, logo neste contacto, o horário que o seu filho vai ter.

Muitas vezes o horário varia de escola para escola. Pode ser horário normal, das 9 às 15h15, com intervalo para o almoço. Se a escola tem muitos meninos, pode haver necessidade de fazer dois turnos-



um de manhã, das 8 às 13h, outro de tarde das 13 às 18h. Talvez só mais tarde possa ter esta informação. Mas também é possível que, no momento da matrícula, já se possa saber como vai ser. Isto é muito importante porque precisa de planear a guarda do seu filho quando não estiver na escola. Por isto:

- Pergunte se a escola tem ATL, isto é, actividades de tempos livres que as crianças possam frequentar nos tempos em que não têm aulas ou se tem um acordo com outra escola ou uma instituição.
- Pergunte se a escola fornece refeições e qual o seu custo.

A necessidade de almoçar na escola é maior se a escola tem horário único e não há condições para a criança ir almoçar a casa.





- Pergunte quais as condições para se poder beneficiar da Acção Social Escolar e de apoio da Câmara Municipal e, se está dentro destas condições, que papéis precisa de apresentar.

A escola, através da Acção Social Escolar, e a Câmara Municipal dão apoio às famílias que dele necessitam, fornecendo material escolar e refeições gratuitas ou a baixo custo e apoio para transporte.

- *Pergunte quando deve voltar à escola para saber mais informações — turma em que está o seu filho, nome do professor, data do início das aulas, horário do primeiro dia, material que deve levar, por exemplo.*

Tomando algumas decisões de ordem prática

Uma das mais importantes decisões que tem que tomar diz respeito à guarda da criança, nas horas em que não está na escola. A este respeito convém reflectir um pouco sobre o assunto e procurar resposta para a seguinte pergunta:

“Para onde irá o meu filho, todos os dias, nas horas em que não está na escola?”

Várias respostas são possíveis, de acordo com as diferentes condições de vida: ficar com a mãe, se ela não trabalhar fora de casa, com uma avó ou outro familiar, em casa dum vizinho, num ATL.

Para tomar uma decisão parece necessário pensar no que é mais importante garantir:

- Garantir a segurança do seu filho. Quando falamos de segurança estamos não só a falar de segurança física mas de todos os tipos de segurança. Não é seguro, por exemplo, ficar numa rua movi-



mentada porque pode ser atropelada, como não é seguro ter contactos habituais com pessoas que têm comportamentos marginais, ou com famílias muito desorganizadas.

- Garantir que faça os trabalhos de casa ou estude o que o professor mandou. Isto quer dizer que deve ter um espaço tranquilo onde possa trabalhar, alguém que verifique se trabalhou ou não e, se possível, alguém que o ajude se tiver dúvidas ou dificuldades. Esta necessidade está assegurada nos ATL's (sejam da escola, Câmara, Associações ou outras Instituições particulares de Solidariedade Social).
- Garantir que se sinta feliz, no tempo em que não está na escola.

Qualquer que seja a sua decisão há sempre necessidade de ter em casa um cantinho de estudo para o seu filho. Isto às vezes é difícil porque as casas são pequenas ou habitam nelas muitas pessoas. Mas talvez encontre um espaço, mesmo pequenino, onde o seu filho possa guardar as coisas da escola e fazer os trabalhos. Isto é importante porque além de ficar com algumas condições de trabalho, o habitua a ter as coisas organizadas.

Aceitando que a escola de hoje é diferente da escola do seu tempo

O único contacto que tivemos com a escola ou o mais importante, foi o que tivemos quando a frequentámos. Para nós, este é o modelo que temos, quer dizer quando falamos ou pensamos na escola é, para o bem e para o mal, a “nossa escola” que vemos à frente.

Desde que saímos da nossa escola já passaram muitos anos. Se fizéssemos uma lista de todas as mudanças que entretanto aconteceram, em todos os sectores da vida, certamente que íamos encher muitas páginas.



Se a escola continuasse igual, não estaria a preparar as crianças para viverem no mundo de hoje e, mais do que isto, no mundo que vai existir quando elas forem grandes.

Vai assim encontrar, na escola do seu filho, muitas coisas diferentes: a forma como está organizada, o que se ensina, a forma como se ensina, a avaliação, os castigos, o equipamento.

Ora o que acontece quando encontramos mudanças e não percebemos porque é que elas aconteceram, é pensar que aquilo que conhecemos e vivemos é que era bom. Prepare-se, portanto:

- para encontrar uma escola diferente;
- para se sentir, por esta razão, pouco seguro;
- para sentir vontade de rejeitar ou criticar aquilo que é novo.

Para o ajudar a compreender e a aceitar vamos mais à frente explicar como é a escola de agora e porque algumas coisas são diferentes.





Preparar o seu filho

Não é fácil, para qualquer criança, sobretudo se não andou no jardim de infância, sair da sua casa, do ambiente que tem tido à sua volta desde que nasceu, e entrar para a escola onde não estão as pessoas de quem gosta e onde tudo é diferente. Mais difícil será ainda quando esta diferença é muito grande: aspecto físico de algumas pessoas, língua que falam, disposição do espaço, actividades que aí se fazem. É, portanto, necessário prepará-la com cuidado.

Três preocupações devem estar presentes, nesta preparação:

- apresentar a escola como uma **“coisa boa”**;
- procurar que a criança vá estabelecendo contacto com ela antes da sua entrada **“a sério”**;
- compreender as dificuldades que sente e dar-lhe apoio para as resolver.

Assim:

- Nunca apresente a escola como um local para onde irá de castigo **“por se portar mal”**;
- Comece desde cedo a falar com a criança sobre um sítio onde vai aprender a ler, a escrever, a fazer contas, aprender a fazer coisas bonitas, ter muitos amigos para brincar, ter uma professora que o vai ajudar a aprender;
- Mostre meninos do bairro a ir para a escola e se tem vizinhos com filhos que a frequentam, fale com eles sobre ela, na presença do seu filho;



- Mesmo antes de começarem as aulas, faça com ele o caminho para a escola, mostrando-lhe os sítios por onde deve ir, os perigos a evitar, ainda que nos primeiros tempos deva ir sempre acompanhado, as coisas bonitas para ver...;
- Mostre-lhe a escola, de preferência quando tiver meninos, por fora e se for possível por dentro;
- Diga-lhe que vai encontrar na escola muitos meninos para brincarem e estudarem com ele, meninos que moram perto e meninos que vêm de outros sítios. Com estes meninos vai aprender muitas coisas e vai também ensinar-lhes outras;
- Responda a todas as perguntas que a criança faça sobre a escola e, se não souber responder, pergunte a crianças que a frequentam ou informe-se por outra via;
- Conte-lhe como era a escola do seu país de origem, como foi a sua entrada, como se sentiu, o que aprendeu, aquilo de que gostou mais;





- Prepare um local na sua casa onde o seu filho guarde as coisas da escola e possa estudar. Faça isto com ele e procure que, mesmo que seja só um cantinho, tenha um aspecto bonito e cuidado. Assim poderá ensiná-lo a ter um sítio para si e mantê-lo arranjado. Aí poderá ir pondo na parede os trabalhos que ele for fazendo e algumas informações úteis — calendário do ano escolar, dias das reuniões de pais;
- Compre com o seu filho os artigos escolares; na medida do possível deixe-o escolher as coisas de que gosta;
- Prepare com ele a roupa para levar para a escola e, se puder, compre-lhe alguma coisa nova, para “ir bonito”;
- Se ele disser que não quer ir, diga-lhe simplesmente que sabe que é difícil, mas que, quando for um pouco mais crescido, com certeza que há-de querer ir e vai gostar.

Quando já tiver mais informações (mais) completas:

- Diga-lhe como se chama a sua professora e como se chama a pessoa que está à porta da escola a receber os meninos;
- Diga-lhe como vai ser o seu horário, se come ou não na escola, quem o vai levar e trazer, se tem actividades de tempos livres noutra sítio;
- E vá-lhe contando tudo o que for sabendo e pense que o vai ajudar a ter uma imagem positiva da escola.



O PRIMEIRO DIA DE AULA

Naturalmente a criança está um pouco assustada e insegura. De resto os pais também. É por isto que é tão importante que ela no primeiro dia de aulas vá pela mão do pai ou da mãe ou da pessoa que normalmente o substitui. A mão das pessoas que mais ama e o têm sempre protegido dos perigos é uma espécie de ponte entre o mundo que conhece — a família — e um outro que ainda é estranho — a escola.

A ida com o filho no primeiro dia de aulas é também indispensável para tomar contacto com a escola: Vai ver a escola por dentro, começar a ligação com aqueles que o vão ajudar na educação do seu filho ao longo de todo o ano lectivo. E vai ficar em condições de esclarecer o seu filho acerca de coisas que ele não perceba bem. Muitas escolas preparam uma recepção para alunos e pais, outras recebem as crianças e cada um dos professores vai para a sua sala com os seus alunos.

Seja qual for a forma de acolhimento, procure saber:

- Quem é o **professor** do seu filho e como pode contactar com ele pelo telefone;
- Qual é e como é a sua **sala de aula**;
- Quem são os seus **colegas** de turma;
- Como se chama a **pessoa que os recebe** e está com as crianças no recreio;
- Qual é o **calendário** para o ano lectivo (férias e interrupções);



- Se não lhe tiver sido dada antes a **lista de material** a comprar;
- Qual é o dia e a hora em que o professor recebe os pais;
- Qual é o dia e a hora da próxima reunião de pais. Se nunca lhe for possível, por razões de trabalho, estar livre à hora do atendimento ou das reuniões de pais diga ao professor e estude com ele outras alternativas;
- A que horas vai sair o seu filho nesse dia.

Mesmo que more perto procure ir buscar o seu filho nos primeiros dias à escola, ou peça a alguém de quem ele goste para o fazer. E não se esqueça de conversar com regularidade ao longo do ano escolar com ele ao fim do dia para saber as suas impressões e esclarecer algumas dúvidas. Mesmo que não entenda todas as matérias do programa escolar do seu filho, ele sentir-se-á apoiado e acompanhado pelo interesse que demonstra.





COMO É A ESCOLA QUE O SEU FILHO VAI ENCONTRAR

A comunidade educativa

Uma das expressões novas que vai encontrar é “comunidade educativa”.

No nosso tempo, quando pensávamos nas pessoas que formavam a escola pensávamos só em professores e alunos. Hoje, quando queremos falar das pessoas que a escola integra, falamos de comunidade educativa. O que é então a comunidade educativa? É o conjunto de pessoas que fazem parte da escola — alunos, professores, funcionários, pessoas que colaboram com a escola, pais e comunidade, em ligação uns com os outros. É, portanto, um conjunto muito maior e mais variado de pessoas.

Porque aconteceu esta mudança? É que a escola abriu-se mais àquilo que está à sua volta; hoje procura-se que a escola seja uma parte do bairro que está à sua volta, que os pais tenham nela um papel muito activo e que haja a colaboração de todos os que puderem ajudar na educação das crianças e no seu desenvolvimento.

Vamos então falar dos vários grupos que formam a comunidade educativa e ver quais foram as principais mudanças que aconteceram, em relação a estes grupos.

Alunos

Seja qual for o seu país de origem vai ver que o conjunto de alunos — a que se costuma chamar a população escolar — é diferente, em relação ao do nosso tempo.



Primeiro, as escolas tinham normalmente muito menos alunos, porque muitas crianças tinham que trabalhar desde cedo e a importância da escola não era muito reconhecida,

Depois, as crianças vinham de meios semelhantes. Apesar de algumas delas terem nascido em cidades e outras no campo, umas serem mais pobres e outras mais ricas, tinham o mesmo aspecto físico, falavam a mesma língua, comportavam-se de forma muito parecida. Agora nota-se entre elas, mesmo à vista, diferenças muito maiores.

A verdade é que, em todo o mundo, a população está cada vez mais “misturada”. Isto porque a diferença entre países pobres e países ricos é cada vez maior e as pessoas em todo mundo sabem o que se passa em toda a parte. Porque se precisa de resolver problemas graves e melhorar a vida, é natural que se imigre cada vez mais. Dantes emigrava-se sobretudo, do campo para a cidade. Agora emigra-se para outros países, às vezes muito distantes, em busca de uma vida melhor.

Assim como os portugueses emigraram para países mais ricos, à procura de melhores condições, muita gente, vinda de outros países vai chegando a Portugal.

Por isto, além de ter mais alunos, a escola de hoje, em Portugal, tem crianças cujos pais, ou eles próprios, vieram de muitos pontos do mundo, como África, Brasil, países da Europa... porque o número de imigrantes tem aumentado muito e as suas origens são cada vez mais diversas.

Isto faz com que, na escola, haja meninos com costumes, línguas, formas de vestir, formas de viver muito diferentes. O seu filho, que é filho de imigrantes, vai então encontrar na escola crianças do seu grupo de origem, crianças cuja família nasceu e viveu sempre em Portugal e crianças dos mais variados grupos — africanos, indianos, da Europa de leste, além de cidadãos portugueses de etnia cigana.



Isto causa uma certa confusão aos pais e aos professores. Aos pais, porque têm medo que os seus filhos não sejam bem atendidos; aos professores porque sentem que a escola se tem de organizar para servir todos — e não só as crianças de origem portuguesa. Sentem, por exemplo, que é preciso que as crianças, que falam outra língua aprendam rapidamente o português; sentem que é preciso encontrar maneiras diferentes de ensinar de forma a que todos compreendam; sentem que é preciso ajudar as crianças a conviver e ser amigos de meninos muito diferentes.

É natural que também a si esta escola pareça muito confusa.

No entanto é preciso pensarmos que o mundo do futuro vai ser um mundo em que todos vamos estar perto uns dos outros e que é bom para o seu filho aprender a conviver e ser amigo, não só dos meninos originários do país de acolhimento, como dos que vieram de longe e aqui estão ao seu lado.

É entre estes meninos que o seu filho vai escolher os seus amigos. Esta escolha é um dos primeiros passos no sentido da autonomia e independência.





Assim:

- Respeite as escolhas do seu filho e não tente “mandar” nessa zona da sua vida. Qualquer interferência é mal acolhida e portanto negativa.
- Mostre que tem confiança nas suas escolhas: conheça o nome dos seus amigos, fale-lhe deles e convide-os para os seus anos, para brincarem na sua casa. Os amigos do seu filho são também seus amigos e como tal devem ser tratados. Além disto, o estar perto faz com que tenha possibilidade de intervir no caso em que o seu apoio seja necessário.
- Se eles o convidarem tente conhecer a família para avaliar se deve ou não deixar ir o seu filho e só o impeça no caso de ter dúvidas fundamentadas.
- Não force amizades mas se conhecer meninos que lhe pareça poderem vir a ser bons amigos tente o contacto... e aceite o que acontecer.

Professores

Tal como na “nossa escola”, os meninos do 1.º ciclo têm um só professor, que ensina todas as disciplinas. Muitas vezes é o mesmo professor que acompanha as crianças do 1.º ao 4.º ano. É bom que seja assim, embora, por vezes, não seja possível.

Como sempre aconteceu, o professor não tem só a função de ensinar as matérias que constam do programa. Ele tem a responsabilidade de colaborar na educação das crianças. Na escola para onde foi o seu filho, isto quer dizer que deve aproveitar a situação multicultural, isto é, o facto de se encontrarem, na sua sala de aula, meninos de muitos grupos para os ensinar a conviver em harmonia, a descobrirem



o que cada um tem de bom, a conhecerem a terra de onde os outros vieram. Por outro lado será ele que vai esforçar-se para que todos tenham dentro da sala as mesmas oportunidades de aprenderem.

Além disto, procura trabalhar em cooperação dentro e fora da aula, nomeadamente com os pais e membros da comunidade.

Para tomar decisões sobre o conjunto da escola, os professores reúnem-se no Conselho Escolar. Cada escola tem um Director que dirige a escola e responde perante as entidades superiores.

O professor, numa escola do 1.º ciclo, vai ser a figura mais importante na vida escolar do seu filho. É papel dum pai procurar dentro do possível que a relação dos dois seja boa.





Assim:

- Não faça críticas negativas ao professor, pelo menos na presença do seu filho.
- Chame a sua atenção para os aspectos positivos que for encontrando.
- Quando a criança “fizer queixa” do professor não tome imediatamente partido e tente compreender o que se está a passar. Tão negativo para a educação da criança é dar-lhe imediatamente razão como pôr-se logo ao lado dum professor que talvez tenha sido injusto para ela. Se lhe parecer que a questão está a preocupar muito a criança, fale com o professor para perceber melhor e actuar junto dela.
- De qualquer forma lembre-se que a relação do seu filho com o professor é uma relação dos dois. O seu papel é ajudar a que se desenvolva bem ou, pelo menos, não fazer nada que a possa prejudicar.
- E não se espante nem reaja se, em determinados momentos, o seu filho acreditar mais no professor do que em si (“a minha professora diz que...”).

Auxiliares de acção educativa

Os auxiliares de acção educativa são as pessoas que recebem os meninos e pais à entrada para a escola, estão presentes nos intervalos, fazem com que a escola esteja limpa e arranjada, colaboram na distribuição das refeições, colaboram na organização das festas, de visitas de estudo, etc. Como a sua actividade se passa fora da sala de aula, estão perto das crianças nos momentos em que elas estão mais à vontade, podem ter uma acção educativa forte e podem comunicar aos professores



aspectos que tenham importância e ajudem a compreender melhor os meninos e o ambiente da escola. São, portanto, as colaboradoras mais próximas dos professores na sua acção educativa.

Outros técnicos que trabalham na escola

Além dos professores e das auxiliares de acção educativa existem, em muitas escolas:

- **Psicólogos** — que ajudam os professores a compreenderem as dificuldades das crianças e dão apoio àquelas que dele precisam.
- **Técnicos de Serviço Social** — que ajudam os professores a compreender as dificuldades das famílias, ajudam a família a resolver os seus problemas em relação à vida escolar da criança e colaboram com a escola na adaptação e sucesso da criança. Estes psicólogos e técnicos de serviço social trabalham, em muitos casos, em várias escolas.
- **Monitores e animadores de várias actividades** — São pessoas que vão às escolas desenvolver com as crianças actividades que não constam do programa normal — dança, pintura, capoeira, por exemplo. Neste grupo estão também os contadores de histórias.





Pais

Quando andávamos na escola a importância que se dava à presença dos pais nas escolas era muito menor e acontecia quase sempre em situações excepcionais.

Hoje os pais fazem parte, por direito, da escola. Reconhece-se que o trabalho conjunto da escola e dos pais é indispensável para que as crianças aprendam, se desenvolvam e se integrem bem nesta sociedade. Isto, que é verdadeiro para todas as situações, é ainda mais necessário quando as crianças são filhas de imigrantes. Porque será assim?

Sabe-se hoje que o grupo étnico a que uma pessoa pertence não faz com que ela seja mais ou menos inteligente. Não é porque a criança é africana, europeia ou chinesa que aprende com maior ou menor facilidade. O que acontece é que muitas crianças que pertencem a grupos que não são originariamente portugueses, têm mais dificuldade em se adaptarem à escola que frequentam e em aproveitar as oportunidades que esta escola oferece: não falam, ou falam mal, o português, estão habituadas a outras normas, têm dificuldade em se relacionar com colegas diferentes.

A escola está empenhada em dar as mesmas oportunidades a todos os seus alunos. Mas os professores foram formados para ensinar meninos portugueses, foi com esta população escolar que eles se habituaram a trabalhar e muitas vezes têm dificuldade em compreender as características e o comportamento de crianças diferentes.

São os pais que podem ajudar os professores, e portanto a escola a criar **igualdade de oportunidades**.

O que é, dentro duma escola, a igualdade de oportunidades?

Às vezes pensa-se que igualdade de oportunidades é tudo ser igual para todos. Mas se reflectirmos um pouco, vemos que *tudo igual para todos* é muitas vezes injusto.



Por exemplo: uma menina que só fala chinês não pode aprender; esta menina, para ter oportunidade de aprender, precisa de aprender português. Uma outra criança, por razões culturais e religiosas, só come vegetais; se as refeições na cantina são de carne e peixe, ela não tem a oportunidade de se alimentar como os seus colegas portugueses e portanto de estar em condições de estudar. Quer dizer: para que todos os alunos tenham a mesma oportunidade de aprender, é preciso que a escola esteja organizada para dar condições diferentes aos vários grupos de alunos.

E são os pais que podem ajudar os professores a compreender os seus alunos, sobretudo filhos de imigrantes, as suas formas de viver, o que para eles é importante, as dificuldades que têm, para encontrar formas de ensinar que os levem a aprender, a sentirem-se felizes e amarem a escola.

Por seu lado, os professores podem ajudar os pais, mesmo aqueles que não tiveram muita escolaridade, a acompanhar os filhos nos trabalhos de casa e criar condições para que eles possam estudar. Isto também vai contribuir para a igualdade de oportunidades de que falámos acima.





Além disto, os professores têm muitas vezes turmas em que há muitos meninos cujos pais vieram de terras distantes, e pouco ou nada sabem sobre estas terras. São pessoas vivas que tiveram experiências diferentes porque vieram de sítios que são desconhecidos para a maior parte da comunidade escolar. Isto é uma riqueza muito grande que se tem que pôr a render em proveito de todos.

Todos os pais têm, portanto, muita coisa para ensinar à comunidade escolar — alunos, professores e outro pessoal da escola, outros pais.

Devem, também, ensinar aos professores como é a sua vida em Portugal, quais são os seus projectos, que condições tem a criança para estudar, que dificuldades enfrenta dentro e fora da escola. Só assim a escola poderá criar, para esta criança, a igualdade de oportunidades que lhe permitam adaptar-se e aprender.

É por tudo isto que é importante um grande contacto e cooperação entre os pais e as escolas.

A comunidade que está à volta da escola

Também a comunidade a que a escola pertence faz parte da comunidade educativa. São os serviços autárquicos, a Polícia de Segurança Pública, as Instituições Privadas de Solidariedade Social, as Associações, os Serviços de Saúde, as Igrejas, as empresas e muitas outras instituições, assim como todas as pessoas que se encontrem em condições de colaborar com a escola ou necessitem de receber dela colaboração.

Como dizia atrás, a escola de hoje é uma escola que se deseja aberta, que faz parte do meio onde os seus alunos se encontram a viver, uma escola que precisa de todos e que, dentro das suas possibilidades, deve estar disponível para todos.



O aspecto físico da escola

Poucas diferenças vai notar no aspecto físico da escola, a não ser que é maior e tem serviços que talvez no seu tempo não existissem — biblioteca, centro de recursos, cantina, por exemplo.

Onde talvez encontre uma diferença maior é na **disposição da sala de aula**. O seu aspecto tradicional era uma sala com carteiras dispostas em fila, todas viradas para um estrado em cima do qual estava a secretária do professor.

Embora ainda algumas delas tenham esta disposição, a maioria está arrumada de outra forma: ou tem as carteiras dispostas em U ou estão postas de maneira a formar 3 ou 4 grupos.

Como todas as alterações, esta tem a sua razão de ser. Vamos ver a seguir porque é que se escolhe, normalmente, esta disposição.





A aula

Na escola do nosso tempo, tudo aquilo que era preciso aprender era **transmitido pelo professor**. O aluno ouvia o que ele dizia. Se tinha dúvidas, pedia para explicar outra vez, fazia os exercícios que o professor mandava, não podia falar com os colegas, se estava na fila da frente, não via a maior parte deles, e se estava atrás, só via as suas nuças. O professor era o centro de tudo o que se passava na aula.

Partia-se do princípio que o aluno, por si, não podia aprender nada e também que pouco podia aprender com os colegas.

Hoje pensa-se que o papel do professor é indispensável, mas que os alunos, além de aprender as matérias, devem **aprender a estudar, a investigar, a descobrir**. Ouvir, fixar e repetir o que o professor disse, não chega para preparar uma criança e um jovem para a sociedade de hoje.

Por outro lado, não é verdade que ela não possa aprender nada com os colegas. Primeiro, está provado que as crianças aprendem mais facilmente com outras crianças (desde que elas saibam o assunto de que se trata) do que com os adultos. Depois, é raro que numa turma uns saibam tudo e outros não saibam nada. Normalmente umas crianças sabem mais dum assunto e outras mais de outro e podem ajudar-se umas às outras. No caso, por exemplo, da aprendizagem da língua portuguesa, os meninos que aprenderam a falar em português podem ajudar os que têm dificuldade nesta língua e estes se tiverem bons conhecimentos de matemática podem transmiti-los aos que têm dificuldade nesta matéria. Isto quer dizer que o trabalho em grupo é útil para que a criança aprenda.

Além disto, a criança, quando trabalha em grupo, vai aprender coisas muito importantes: descobre que o trabalho feito em conjunto é muito mais rico, vai aprender a ajudar e a ser ajudado, vai verificar que os que pensam de maneira diferente dele muitas vezes têm ra-



zão. Vai aprender a cooperar, e esta aprendizagem vai prepará-lo para cooperar com os outros, quando for crescido.

É por isto que raramente vai encontrar, na sala do seu filho, turmas em que os meninos se sentam uns atrás dos outros a ouvir o professor, mas vários grupos a comunicarem e trabalharem ao mesmo tempo numa tarefa comum.

É também natural que encontre na sala aparelhos que não existiam no nosso tempo — computador, retroprojector, aparelho para se verem slides, etc. Isto quer dizer que os meninos de hoje têm um número muito maior de equipamentos que os ajudam a aprender.

O que se aprende no 1.º ciclo

Muitas vezes pensa-se que as crianças, quando entram para a escola, vão aprender a ler, escrever e fazer contas. Isto é verdade e estas aprendizagens são muito importantes.

Mas há muitas outras coisas que eles vão aprender e até organizar aquilo que já aprenderam, antes de chegar à escola. Porque é impossível referir-nos a todas, vamos só enunciar algumas que nos parecem mais importantes.

Assim:

Na área da **Língua Portuguesa:**

- a comunicar oralmente com os outros, em diferentes situações, isto é, a falar de forma a que eles entendam e a compreender e fixar o que lhe é dito;
- a comunicar por escrito com os outros, quer dizer, a escrever mensagens e ler e entender o que lê.
- a ganhar gosto pela escrita e pela leitura.



Na área da **Matemática:**

- a contar;
- a aplicar as operações aritméticas na resolução de problemas do dia a dia;

Na área das **Expressões Físico-Motoras:**

- realizar jogos e exercícios que correspondam à necessidade de correr, saltar, jogar;
- desenvolver a coordenação dos movimentos, o equilíbrio, o ritmo;
- integrar-se em equipas;
- competir de forma sã com os outros.

Na área da **Educação Musical:**

- a acompanhar a música com movimentos do corpo, acompanhar a música de gestos, dançar;
- a usar a voz para experimentar sons, dizer lengalengas, cantar canções;
- a usar instrumentos, construir instrumentos simples.

Na área da **Educação Plástica:**

- a desenhar;
- a pintar;
- a fazer recortes, colagens e dobragens;
- a estampar;
- a tecer e bordar com pontos simples;
- a utilizar a máquina fotográfica.



Na área de **Estudo do Meio:**

- a conhecer-se a si próprio — o seu corpo, o seu passado;
- a conhecer o meio que está à sua volta;
- a descobrir os outros e as instituições (a família, a escola, os serviços da comunidade, o passado da comunidade);
- a descobrir o ambiente natural (seres vivos, solo, rochas, oceanos, rios, astros);
- a fazer experiências com água, som, ar, luz, electricidade;
- a usar objectos (tesoura, martelo, gravador, bússula...);
- a descobrir as relações entre a natureza e a sociedade (agricultura, criação de gado, exploração das florestas, a pesca, a indústria, o turismo, as construções).





O estudo em casa

Normalmente as crianças levam da escola tarefas para realizar em casa trabalhos ou coisas para estudar.

É uma forma de fazer com que as crianças se habituem a estudar sozinhas, a terem responsabilidade, a planear o seu tempo — agora brinco, agora faço os trabalhos. E é ainda a forma de os pais participarem mais activamente na vida escolar dos filhos.

Através destas actividades os pais podem:

- saber o que o filho está a aprender nesse momento;
- verificar os progressos que faz e elogiá-lo por isto;
- ver as dificuldades que têm e ajudá-lo no que for possível;
- sentir-se mais próximo do filho;
- conversar sobre a escola em geral e sobre as alegrias e tristezas da criança na escola.

Assim:

- Veja todos os dias o caderno do seu filho e verifique se ele tem tarefas marcadas para casa ou se o professor escreveu lá algum recado.
- Se souber, ajude-o quando ele pedir.
- Se houver qualquer coisa que o preocupe, procure o professor ou escreva o que o preocupa no caderno.
- Se tudo estiver bem, dê os parabéns ao seu filho.



Avaliação

Quando andávamos na escola, tínhamos provas e exames que serviam para ver se devíamos ficar aprovados ou reprovados, isto é, se podíamos passar ou não para o ano seguinte. Lembramo-nos com certeza do medo que tínhamos destas provas e de sentirmos que o trabalho dum ano podia ser deitado fora se, por qualquer razão, elas corressem mal.

Hoje ainda há provas e exames, mas o mais importante é ir avaliando constantemente tudo o que é feito no dia a dia e ir vendo o que está a ser aprendido, onde cada criança tem maiores dificuldades, o que é preciso é ir fazendo com que ela aprenda melhor. A isto se chama avaliação contínua.

Enquanto dantes se dava uma maior atenção “ao que a criança não sabia”, hoje procura-se ver qual é o progresso que a criança está a ter, o que vai conseguindo e o que a criança e o professor podem fazer para aumentar este progresso. A avaliação deixou de ser uma espécie de julgamento em que todos tinham medo de ser condenados, mas uma forma de acompanhamento do aluno para que tenha sucesso.

Todas as crianças devem ter sucesso. Parta portanto do princípio que é isto que vai acontecer com o seu filho.

Mas algumas crianças têm as suas dificuldades — de adaptação à escola, de língua, numa ou noutra matéria, por exemplo. Como todos nós, também as crianças têm os seus períodos bons e os seus períodos menos bons. Isto também vai certamente acontecer com o seu filho.

Então:

- Vá fazendo, ajudado pelo professor, a sua avaliação do progresso do seu filho — se ele está interessado e satisfeito na escola, se está a aprender normalmente, se faz os trabalhos, onde tem algu-



mas dificuldades, o que pode fazer para ele corrigir ou melhorar alguns aspectos. Faça isto discretamente sem que o filho sinta muita pressão.

- Se houver coisas que não correm bem, tente ajudá-lo mas não faça disto um drama. Não o desvalorize mas, pelo contrário, ponha em relevo os aspectos positivos que vão surgindo na área do estudo ou noutras áreas e transmita-lhe a certeza de que vai ser capaz.

Se a criança apresenta dificuldades graves de aprendizagem, o professor fará um plano especial de recuperação que vai discutir com os pais e vai certamente pedir-lhes ajuda para entender a situação e fazer o que for necessário.

Apoios especiais

Há crianças que têm problemas especiais que fazem com que aprender seja para eles mais difícil, — ouvem ou vêem mal, têm dificuldades de fala, aprendem mais devagar, etc. Algumas destas dificuldades passam despercebidas à escola e a única coisa que se nota é que o menino não aprende, quando por vezes o que acontece é que não vê bem ou ouve mal.

- Se nota que o seu filho tem alguma coisa diferente dos irmãos ou dos meninos que estão à sua volta, diga ao professor para fazer ou pedir para fazerem um exame mais atento.

Algumas destas crianças têm necessidade dum ensino diferente e duma atenção maior. Por isto as escolas têm professores de ensino especial que o poderão ensinar de maneira mais adequada e responderem melhor às suas dificuldades.



Contacto com os pais

Sempre que um pai tenha uma preocupação ou uma necessidade urgente de falar com o professor deve fazê-lo (através da Caderneta do aluno, pessoalmente ou pelo telefone da escola).

Há, no entanto, formas de contacto que estão programadas: Existem, assim...

O atendimento aos pais:

Todos os professores marcam um dia e uma hora por semana em que estão disponíveis para falar com os pais. Nestes encontros os pais e os professores trocam informações acerca do comportamento e aproveitamento das crianças, procuram compreender o que se está a passar e encontrar o que uns e outros podem fazer para tornar a situação mais positiva ou ainda mais positiva.

- Se nunca puder contactar com o professor no dia e hora do atendimento, fale com ele e tente mudar esta data ou hora. No caso de ser impossível, pergunte como o poderá contactar, em caso de necessidade, e deixe-lhe também o seu contacto.
- Muitas vezes os professores estão tão preocupados com alguns aspectos negativos que só conseguem falar nestes aspectos. Lembre-se que, para orientar em casa o seu filho, precisa de saber o que se passa de mal e aquilo que é bom. Por isto, não saia dum contacto com o professor sem saber os aspectos positivos do comportamento e aproveitamento do seu filho e se está melhorando ou piorando.
- Diga ao professor as coisas que lhe parece que é importante ele saber: como a criança se sente, o que ela conta sobre a escola, e quaisquer acontecimentos que a possam ter influenciado, não esquecendo que a criança e a família têm o direito à sua intimidade, e só referindo, portanto, aquilo que é indispensável.



- Ensine ao professor aqueles aspectos da vida e cultura dos imigrantes que lhe pareçam importantes para ele compreender melhor o seu filho e as outras crianças do seu grupo cultural.
- Qualquer dúvida que tiver ponha-a ao professor. Ele terá gosto em esclarecê-lo e apreciará o seu interesse.
- Sempre que falar com o professor conte ao seu filho o que se passou ou procure que ele esteja presente nesta conversa. É sobre ele e sobre a sua vida que estão a falar e ele tem o direito de saber o que é dito. E é importante ver que o pai e o professor se unem para o ajudar e não ter a impressão que estão unidos contra ele.

Reuniões de pais

As reuniões de pais são reuniões dos pais ou elementos responsáveis pela criança com os professores, em que estes explicam como está organizada a escola, o que pensam fazer, os problemas que têm, como estão as crianças, o que têm aprendido, em que podem os pais ajudar. Por seu lado os pais dizem aos professores como as crianças estão em casa, o que dizem da escola, os problemas que sentem e o que podem fazer para ajudar. Nestas reuniões os pais e os professores discutem como podem tornar a escola ainda melhor e decidem como todos podem colaborar, para bem das crianças.

As reuniões de pais e professores são sempre muito importantes para as crianças, para a escola e, portanto, para os pais.

Para estes, as reuniões de pais são, além disto, uma oportunidade de participarem e terem voz na sociedade onde vivem.

Nas escolas dos filhos podem reunir-se com responsáveis e outros pais, seja qual for a sua origem ou classe social. Aqui lhes é pedida



a sua opinião, a sua colaboração, aqui podem ter voz. E, para mais, ter voz sobre aquilo que para eles é mais precioso que é a vida dos seus filhos.

As reuniões de pais são também ocasião para se treinar a estar em pé de igualdade com todos, a ouvir os outros e a fazer-se ouvir, a descobrir maneiras de ser diferentes, a trabalhar em conjunto com pessoas de outras origens e outra classe social e a descobrir que, além de ter muitas coisas para aprender, tem muitas coisas para ensinar. Estas a experiências podem ajudá-lo a sentir-se mais seguro e a ser capaz de transmitir esta segurança ao seu filho.

Por outro lado o seu filho gosta de o ver reunido com os outros pais e tem vergonha quando isto não acontece.





Assim:

- Faça o possível por comparecer às reuniões quando for convocado. Se não puder ir no dia e na hora escolhido, contacte com o professor e ponha a sua dificuldade. Se nunca puder ir nesses dias e horas, coloque o problema e sugira alternativas. Lembre-se que tem o direito e o dever de estar presente nas reuniões e que elas devem ser marcadas de acordo com as disponibilidades de todos. Nem sempre é possível marcar reuniões em dias e horas que todos possam ir. Mas não se podem marcar reuniões em dias e horas em que grande parte dos pais nunca pode ir (manhãs dos dias de trabalho, por exemplo). A escolha do dia e hora para as reuniões deve ser negociada numa reunião na presença de todos. Por isto, mesmo que represente um grande transtorno, tente ir à primeira reunião e perante os professores e outros pais discuta calmamente a questão.
- Ninguém conhece melhor o seu filho e ninguém gosta tanto dele. Neste campo, cada pai é um “especialista”. Assim, participe na reunião, pondo as suas dúvidas, as suas opiniões, aquilo que o preocupa. Se tiver dificuldade, comece por intervenções simples em que se sinta seguro, dirigindo-se (olhando) para as pessoas que lhe inspirem mais confiança.
- Em princípio as reuniões são para tratar de assuntos gerais que dizem respeito a toda a turma ou a toda a escola. Se quiser alguma informação sobre o seu filho, ponha-a ao professor, em particular, no fim da reunião; se o professor focar algum assunto relacionado directamente com o seu filho, diga simplesmente que no fim da reunião falará com o professor.
- Oíça com atenção o que o professor e os outros pais dizem. Se não perceber alguma coisa, ideias ou palavras, peça para repetirem o que estão a dizer de forma mais simples. Lembre-se que, se calhar, também os outros não percebem, às vezes, o que está a



dizer. Isto não quer dizer que uns sejam mais inteligentes do que os outros, mas que cada um tem uma maneira própria de falar e é preciso um esforço para todos se entenderem.

- Embora tenha certamente uma vida muito ocupada, se houver um pedido de colaboração pense no que pode fazer e, se for possível, ofereça esta colaboração. Às vezes, o que falta são coisas que, para si, são muito fáceis. Quanto mais próximo estiver da escola do seu filho, mais contente ele vai ficar e melhor se vai sentir.

Associação de Pais

Estas associações, que se podem formar em todas as escolas, têm uma direcção, pais eleitos pelos outros pais, que participam em decisões importantes nas reuniões com a direcção, professores e outros elementos da comunidade educativa, podem tomar iniciativas como a realização de festas e organizar actividades de tempos livres. São, por assim dizer, a voz activa e participante dos pais na escola e fazem a ligação entre os professores e os outros pais.

Normalmente os pais imigrantes não participam muito na Associação de Pais.

A primeira razão é com certeza ter pouco tempo para actividades que não sejam o seu trabalho.

Por outro lado muitos pensam que existem outros pais muito mais preparados para este papel e têm medo de não conseguir fazer nada. Assim, normalmente são os pais com mais instrução e pertencentes ao grupo dominante que aceitam esta responsabilidade.

O que acontece então é que a voz dos grupos imigrantes não se pode fazer ouvir, e a escola continua a não estar preparada para todas as crianças que a frequentam mas só para alguns.



Por isto:

- Procure ter uma presença activa nas reuniões ou assembleias de pais;
- Quando houver eleições, lembre a todos a necessidade dos pais ligados aos diferentes grupos estarem representados na direcção;
- E, se puder, aceite esta responsabilidade para bem do seu filho e de toda a escola.





CONCLUSÃO

Fizemos consigo um caminho de reflexão e informação que talvez o ajude a conhecer melhor a escola do seu filho e a ajudá-lo a aprender e a sentir-se feliz.

Vai ver como vai ser bom para si seguir o seu percurso, ouvir o que ele tem para contar, apoiá-lo nas dificuldades que apareçam, conhecer os seus amigos, consolá-lo quando tiver aqueles pequenos grandes desgostos das crianças. E vai ver também como vai ser bom ter a Escola e os professores como aliados e amigos, na tarefa difícil de educar o seu menino.

Desejamos com muita força que ele seja feliz na sua primeira escola. E desejamos também que os pais e as escolas que vêm a seguir se unam para o ajudar a ser um Homem.

